

Relações entre o medo da morte e formação acadêmica em Psicologia

Relations between the Fear of Death and Psychology Academic Background

Raul Bruno Tibaldi Nascimento

Psicólogo especializando em Cuidados Paliativos; Instituto Hólon, Salvador, BA, Brasil;
psico.raultibaldi@gmail.com

Resumo

A formação acadêmica de psicólogas ainda carece de discussões sobre a morte e o morrer, em que pese a importância do tema para a prática profissional. Este estudo objetivou investigar as relações entre o medo da morte e formação acadêmica em Psicologia, a partir de uma amostra de estudantes e profissionais. Trata-se de uma abordagem exploratória de cunho quantitativo, em que foram utilizados um questionário e a Escala de Medo da Morte de Collett-Lester. Os principais resultados apontam associação entre a autoavaliação das participantes quanto ao preparo para o enfrentamento com a morte e os respectivos escores de medo da morte. Além disso, verificou-se correlação significativa entre idade e medo da morte, sugerindo que o medo da morte tende a ser maior entre os mais jovens.

Palavras-chave: Morte. Psicologia. Tanatologia. Ensino Superior.

Abstract

The academic training of psychologists still lacks discussions on death and dying, despite the importance of the topic for professional practice. This study aimed to investigate the relationship between fear of death and academic training in Psychology, from a sample of students and professionals. This is an exploratory approach of a quantitative nature, in which a questionnaire and the Collett-Lester Fear of Death Scale were used. The main results point to an association between the participants' self-assessment regarding the preparation for coping with death and the respective fear of death scores. Besides, a significant correlation was found between age and fear of death, which suggests that the latter tends to be higher among the youngest.

Keywords: Death. Psychology. Thanatology. Higher Education.

No decorrer da história, as formas de se lidar com a morte se alteraram, devido a fatores de ordem religiosa, científica, política e econômica. De evento público, doméstico e natural, a morte passou a ser escamoteada, hospitalizada, interdita. Na sociedade ocidental contemporânea, ela tem sido tratada como um verdadeiro tabu e se relaciona fortemente a sentimentos de fracasso, impotência, vergonha, depressão, morbidez, repugnância e proibição, dentre outros (Combinato & Queiroz, 2006; Dantas, Borges & Dutra, 2021).

Apesar das tentativas socioculturais de silenciamento, a morte é inerente a diferentes contextos da vida humana. No cotidiano de profissionais da área da saúde, ocorre com frequência e em diversas situações de trabalho (Kovács, 1992). Logo, ressalta-se a

necessidade de que esses profissionais sejam estimulados a refletir sobre a morte e o morrer e sobre os sentimentos decorrentes desses processos, posto que se trata de vivências indissociáveis não apenas de suas práticas profissionais, mas também da esfera privada (Faria & Figueiredo, 2017).

Em ambientes hospitalares, a título de exemplo, a recorrente presença da morte pode fazer emergirem sentimentos de angústia e medo. Por conseguinte, presume-se que essas experiências estejam direta e indiretamente relacionadas à qualidade da assistência e das relações para com os pacientes (Freitas & Oliveira, 2010).

Percebe-se, então, que os questionamentos e desafios para profissionais de saúde refletirem e se posicionarem diante da morte são tão relevantes como urgentes, especialmente quando se considera o quanto a sociedade moderna é caracterizada por profundas lacunas na comunicação e diálogos sobre a morte. Todavia, ainda que a formação desses trabalhadores requeira o preparo para lidar com a finitude humana, a estrutura curricular de cursos como Medicina, Psicologia e Enfermagem, por exemplo, não reflete essa importância (Kovács, 2005). A carência de discussões voltadas para a morte e o morrer é vista como uma importante limitação na formação de profissionais de saúde, sejam eles universitários ou graduados, acarretando em insegurança, despreparo e até mesmo sofrimento emocional (Lima & Andrade, 2017).

Corroborando esses apontamentos, o estudo de Souza et al. (2017) sobre perfis de atitudes frente à morte revelou que uma maioria de graduandos em Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional não havia participado de discussões sobre a temática da morte e do morrer. Isso reforça os achados de Hayasida, Assayag, Figueira e Matos (2014), em pesquisa sobre competências profissionais necessárias para lidar com os processos de morte e morrer, na qual se observou a necessidade de criação de programas voltados à educação para a morte nos currículos.

Educação para a morte é abertura para sentimentos em relação ao tema e disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos. Cursos, palestras e atividades, que permitam esta abertura, são formas de preparo, favorecendo a reflexão sobre atitudes frente à morte, no âmbito pessoal ou profissional. Também podem levar à diminuição do temor frente à morte e permitir que alunos e profissionais se sintam instrumentalizados para enfrentar situações vinculadas à morte. (Kovács, 2016, p. 415).

No tocante à formação curricular de cursos de Psicologia especificamente, Kovács (1989) recomenda a criação e manutenção de mecanismos que possibilitem a sensibilização, reflexão e discussão do tema da morte nessa graduação. Essa especialista ressalta a necessidade de que essas ações estejam presentes na formação de psicólogas e de outras profissionais de saúde, haja vista a morte ser um tema não apenas de cunho pessoal, mas também presente no cotidiano profissional.

Junqueira e Kovács (2008) também apontam que as atividades de profissionais da Psicologia na área da saúde, em escolas, no âmbito familiar, no contexto organizacional e na prática clínica, por exemplo, pressupõem, em alguma medida, a inserção do tema da morte em sua formação. Contudo, numa investigação a respeito do tratamento da temática da morte e do morrer no curso de Psicologia de uma universidade federal brasileira, essas autoras se depararam com uma situação em que estudantes se formavam como se não fossem lidar com a morte. De certo modo, isso poderia ser explicado pela falta de informação e “medo do mergulho interior, ocasião em que se busca resolver questões internas com relação ao temor da morte” (Junqueira & Kovács, 2008, p. 518).

Por outro lado, estudos (Carnicheli & Casarin, 2018; Junqueira & Kovács, 2008; Ramos & Cirino, 2020) apontam que boa parte de graduandos em Psicologia expressa descontentamento ou desejo por mudança em relação à trajetória curricular. Na opinião desses estudantes, é necessário e importante abordar melhor a temática da morte, até mesmo porque a ausência dessas discussões em espaços acadêmicos reforça o receio em lidar com o assunto. Diante disso, é possível inferir que eventuais ofertas de disciplinas, cursos e outras atividades nas instituições de ensino seriam bem aproveitadas pelos alunos.

Toda essa carência de espaços de discussão sobre a temática da morte em cursos de graduação de Psicologia pode ser evidenciada na revisão sistemática empreendida por Faraj, Cúnico, Quintana e Beck (2013): foram encontrados apenas oito artigos relativos ao estudo da morte e suas relações com o ensino acadêmico. Desse modo, as autoras ressaltam as possíveis implicações da eliminação da fala sobre a morte e o morrer na aceitação da própria morte, bem como no despreparo por parte de profissionais da Psicologia ao lidar com situações que envolvam esses fenômenos.

Diante desse contexto, a presente pesquisa objetivou investigar possíveis relações entre o medo da morte e a formação acadêmica de estudantes e profissionais de Psicologia. Para isso, os objetivos específicos do estudo foram (a) avaliar, quantitativamente, o medo da

morte, e (b) verificar em que medida a estrutura curricular dos respectivos cursos de graduação em Psicologia abrange discussões sobre a temática da morte e do morrer.

Método

Participantes

A pesquisa contou com uma amostra de 279 participantes, entre estudantes (44.1%) e profissionais já graduadas em Psicologia (55.9%), em sua maioria mulheres (83.2%). As participantes tinham, em média, 29.82 anos (DP = 9.93). A pesquisa foi realizada com estudantes vinculadas a três universidades, sendo uma pública federal e duas privadas, bem como com profissionais inscritas no conselho regional de classe do estado em que a pesquisa foi realizada.

Instrumentos

As participantes responderam a dois instrumentos. O primeiro deles se tratou de um questionário de autoria própria, que abordava, além de informações como idade, sexo e categoria (estudante ou profissional), aspectos relativos ao enfrentamento, preparo e formação curricular em Psicologia no tocante à temática da morte e morrer.

O segundo instrumento utilizado foi a Escala de Medo da Morte de Collett-Lester (EMMCL) (Collett & Lester, 1969; Lester & Abdel-Khalek, 2003), em sua versão adaptada à realidade brasileira por Oliveira Júnior, Machado, Santos, Silva e Domingues (2018). A escala é composta por vinte e oito itens que representam determinados aspectos da morte e do morrer, dispostos em quatro subescalas denominadas “Sua própria morte”, “Seu morrer”, “A morte dos outros” e “O morrer dos outros”. Partindo do questionamento sobre a preocupação e/ou incômodo diante de cada um dos itens, as respostas se dão por meio de uma escala do tipo *Likert* de 1 a 5, na qual 1 representa “Nada” e 5, “Muito”. Calculam-se o escore total e os escores para cada subescala, por meio da média das respostas. Quanto maior o escore médio, maior o medo da morte/morrer. Na amostra desta pesquisa, a escala apresentou um excelente índice de confiabilidade interna (alfa de Cronbach, $\alpha = .92$).

Procedimentos

Foram seguidos os procedimentos éticos de pesquisa conforme determinados pelas resoluções da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) n. 466 de 2012 e n. 510 de 2016, sendo que o respectivo projeto foi aprovado na Plataforma Brasil (CAAE:

18189219.7.0000.5690). Os instrumentos foram disponibilizados em meio eletrônico, por meio da plataforma Google Formulários, cujo acesso se deu por um *link* divulgado em meios de comunicação, tais como redes sociais. A participação na pesquisa era iniciada somente após a leitura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual as participantes eram alertadas sobre a possibilidade de algum desconforto, considerando a abordagem sobre a temática da morte e finitude humana. Para minimizar esse risco, ressaltava-se explicitamente a possibilidade de desistir de sua participação, sem prejuízo algum, sendo que apenas o aceite do termo de consentimento liberava a resposta aos demais instrumentos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados com auxílio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 23), o qual foi utilizado para o cálculo de estatísticas descritivas, para análises bivariadas (teste qui-quadrado e coeficiente de correlação de Pearson) entre os itens do questionário e os escores obtidos pela EMMCL e para comparação de médias entre grupos por meio do teste T. A variável medo da morte, obtida pela EMMCL, foi categorizada com uso de quartis, a fim de proceder à verificação de possíveis associações entre ela e as demais variáveis categóricas.

Resultados

O escore médio de medo da morte das participantes foi de 3.45 (DP = .75) e se observou que o que elas mais temiam é a morte e o morrer dos outros. No que se refere a suas vivências, 86.4% (n = 241) das participantes afirmaram já terem se deparado com a morte em algum momento de suas vidas. Tendo como referencial a graduação, 60.2% (n = 168) das participantes se depararam com a morte antes de iniciar sua formação acadêmica, 44.8% (n = 125) tiveram essa vivência durante a graduação e 20.8% (n = 58), após o término da formação universitária. Em relação ao contexto desse enfrentamento, 72.4% (n = 202) das participantes relataram ter se deparado com a morte entre familiares, 43% (n = 120) já haviam perdido amigos e/ou vizinhos e 3.9% (n = 11), o cônjuge ou namorado; além disso, 21.1% das participantes informaram ter lidado com a morte em outros ambientes não especificados.

Quando questionadas em relação ao enfrentamento com a morte, 17.9% (n = 50) das participantes se avaliaram como despreparadas e 43% (n = 120), pouco preparadas. Declararam-se como preparadas para lidar com a morte 35.5% (n = 99) das participantes, enquanto que apenas 3.6% (n = 10) disseram se sentir totalmente preparadas para isso.

Tabela 1 – Avaliação da Formação Acadêmica em Relação à Temática da Morte e Morrer

Itens do questionário	n	%
Como você avalia o estímulo do seu curso de graduação à participação em eventos na área de discussão sobre a morte e o morrer?		
muito baixo	98	35.1
baixo	89	31.9
regular	62	22.2
alto	24	8.6
muito alto	6	2.2
Durante a graduação, você participou / participa de cursos, palestras e/ou discussões sobre a morte?		
nunca	115	41.2
ocasionalmente	150	53.8
frequentemente	14	5
Em sua graduação, houve/ há oferta de disciplinas específicas que abordam a questão da morte (Psicologia da Morte, Tanatologia, entre outras)?		
sim	23	8.2
não	236	84.6
não sei responder	20	7.2
Caso você já tenha tido contato com disciplinas que abordam a questão da morte, como avalia a qualidade delas?		
ruim	6	2,2
regular	24	8,6
boa	28	10
ótima	10	3,6
nunca tive contato com uma dessas disciplinas	211	75,6
A sua graduação te proporcionou alguma mudança na visão que você tinha sobre a morte?		
nenhuma mudança	50	17.9
pouca mudança	124	44.4
mudança significativa	105	37.6
Com relação à seguinte afirmação: “Meu curso de graduação em Psicologia me prepara / preparou para lidar com questões da morte e do morrer”, você:		
discorda plenamente	73	26.2
discorda	89	31.9
não sabe opinar	54	19.4
concorda	61	21.9
concorda plenamente	2	0.7

Fonte: Dados da pesquisa.

No que concerne à formação acadêmica, é possível destacar que 67% (n = 187) das participantes avaliaram o estímulo de seu curso de graduação à participação em eventos na área de discussão sobre a morte e o morrer como muito baixo ou baixo e 41.2% (n = 115) delas nunca participaram desses eventos. Quanto à estrutura curricular de seus cursos de graduação, 84.6% (n = 236) das participantes afirmaram não haver oferta de disciplinas

específicas que abordam a questão da morte, tais como Psicologia da Morte e Tanatologia, e 75.6% (n = 211) nunca tiveram contato com alguma dessas matérias.

Para 17.9% (n = 50) das participantes, a graduação não proporcionou nenhuma mudança na visão que elas tinham sobre a morte, enquanto que 44.4% (n= 124) e 37.6% (n = 105) disseram ter experienciado pouca mudança e mudança significativa, respectivamente. Por fim, as participantes foram solicitadas a se posicionar sobre a seguinte afirmação: “Meu curso de graduação em Psicologia me prepara / preparou para lidar com questões da morte e do morrer”. A maioria delas (58.1%; n = 162) discordou disso em alguma medida, ao passo que o oposto aconteceu em apenas 22.6% (n = 63); 19.4% (n = 54) não souberam opinar.

Os valores obtidos pelos testes qui-quadrado apontaram dependência ($p < .001$) apenas entre a autoavaliação das participantes sobre seu preparo para o enfrentamento com a morte e os respectivos escores de medo da morte. Além disso, verificou-se correlação significativa ($r = -.170$; $p = .004$) entre as variáveis idade e medo da morte.

Discussão

Os resultados desta pesquisa permitiram apurar, quantitativamente, a hipótese já aventada pela literatura de que existe alguma associação entre o medo da morte e a autopercepção de preparo para o enfrentamento desse fenômeno. Assim, foi possível corroborar, por exemplo, estudos qualitativos (Carnicheri & Casarin, 2018; Ramos & Cirino, 2020) que evidenciam como o sentimento de despreparo de estudantes e profissionais de Psicologia para lidar com a temática da morte e do morrer está intimamente ligado, entre outros fatores, à sua formação acadêmica.

Decorrida mais de uma década, esta investigação propiciou encontrar uma realidade ainda bastante semelhante à descrita por Junqueira e Kovács (2008), na qual se fala superficialmente sobre a morte e o morrer em cursos de Psicologia, do que se depreende uma aparente negação da temática no currículo dessa graduação. Ademais, o cenário descrito com base nos dados aqui reunidos ratifica a insuficiência curricular em cursos de Psicologia no que tange à abordagem desses temas (Diáz & Henriques, 2006; Torres & Guedes, 1987).

Este estudo também reforçou a influência da idade no medo da morte apontada pela literatura (Santos, Oliveira, Lima, Sousa & Barros, 2017; Souza et al., 2017), seguindo a tendência de se observar maior medo da morte em pessoas mais jovens. Nesse sentido, Barbosa, Melchiori e Neme (2011) explicam que o avanço da idade pode propiciar reflexões sobre a finitude, considerando todas as perdas vivenciadas pelas pessoas ao longo de suas

vidas. Para Von Hohendorff e Melo (2009), essas perdas representam possibilidades de crescimento e contínua assimilação da compreensão acerca da morte ao longo do desenvolvimento humano, “desde o temor e evitação do tema diante da ocorrência de morte até o fortalecimento advindo da situação” (Von Hohendorff & Melo, 2009, p. 486).

O medo da morte, sob uma perspectiva multidimensional, pode ser compreendido em, pelo menos, duas concepções: o medo da própria morte e o medo da morte do outro. Quanto a isso, os dados desta pesquisa convergiram com as observações de Santos et al. (2017) e ilustram uma das principais representações de morte relatadas por alunos de um curso de Psicologia da Morte proposto por Kovács (1989, pp. 114-116): “a morte é a ‘morte do outro’”. Para Barbosa, Melchiori e Neme (2011), pensar na possibilidade e na dor de se separar definitivamente de pessoas queridas gera, por vezes, mais apreensão do que pensar na própria morte.

Paradoxalmente, a constatação de que estudantes e profissionais de Psicologia temem mais a morte de outras pessoas refletiria uma dificuldade em pensar na própria morte, o que, dentre outros aspectos, pode ser compreendido pelo fato de que “a presença da morte, mesmo a nível do pensar, pode paralisar a vida” (Kovács, 1989, p. 115).

Contudo, de acordo com Kovács (1992), é preciso ressaltar a transitoriedade dessa espécie de mecanismo de defesa constituído pela repressão e negação da morte, até mesmo por se tratar de um destino irremediável o qual o ser humano se vê obrigado a encarar em diversos momentos de sua vida. Segundo a autora, não se trata de pensar constantemente na morte, mas ignorá-la se torna um contrassenso diante da imposição de sua presença. Além disso, quando se trata de profissionais que trabalham em hospitais, por exemplo, Torres e Guedes (1987) alertam para o fato de que se defrontar com o próprio medo é fundamental na percepção da negação da instituição e de pacientes.

Mais do que reforçar constatações de estudos anteriores, os dados ora apresentados surpreendem como contraponto a uma suposição de que espaços acadêmicos vem a ser excelentes espaços de contracultura. Neste caso, evidencia-se o quanto os cursos de Psicologia relegam possibilidades de proporcionar aos estudantes uma formação que reconheça e discuta o medo da morte. Nesse sentido, ainda que se argumente, por exemplo, que as estruturas curriculares priorizem conhecimentos técnicos, parece contraproducente ignorar o fato de como a abordagem sobre a morte e o morrer também pode ser compreendida como “ferramenta de trabalho” para psicólogos e outros profissionais de saúde.

Considerações Finais

Apesar da limitação de uma amostra que talvez não represente a realidade de universidades de outras regiões do país, esta pesquisa chama atenção por uma aparente contradição: ao mesmo tempo em que aponta pouco preparo, baixo estímulo à participação em atividades e a escassa oferta de disciplinas voltadas para a discussão da morte e do morrer, a maior parte das participantes relata que a graduação lhe proporcionou algum nível de mudança sobre esse tema.

Sendo assim, levanta-se o seguinte questionamento: o que significa ou o que estaria envolvido numa preparação para lidar com a morte? Em face do verificado, pressupõe-se que o preparo de psicólogos e psicólogas para lidar com a morte e o morrer seja perpassado por mais do que discussões teóricas. De fato, consoante sugerido por Tonetto e Rech (2001 como citado em Junqueira & Kovács, 2008, pp. 516-517), esse processo requer, entre outras variáveis, um bom nível de autoconhecimento e constante autoavaliação de seus aspectos emocionais, isto é, uma considerável bagagem interior.

Nesse sentido, as contribuições dos estudos de Azeredo, Rocha e Carvalho (2011) e Duarte, Almeida e Popim (2015) ratificam a necessidade de uma formação de profissionais de saúde de caráter não apenas teórico, mas que resgate o papel das emoções e sentimentos suscitados pelo confronto com a finitude humana. Isso pode ser facilitado, entre outros fatores, pelo exercício da espiritualidade, de acordo com Junqueira e Kovács (2008).

Argumento equivalente pode ser observado pela experiência de implementação de um grupo de educação para a morte com nutricionistas em formação, proposta por Oliveira-Cardoso e Santos (2017). Nela, reporta-se a relevância de se articular instrumentalização teórica e vivencial, integrando aspectos cognitivos e afetivos, com o intuito de contribuir para mudanças nas atitudes e perspectivas de profissionais de saúde frente à morte e terminalidade. É, pois, razoável defender que “a graduação proporcione oportunidades para que ambas as competências possam ser aprimoradas, pautadas em conhecimentos científicos, éticos e legais” (Duarte, Almeida & Popim, 2015, p. 1209).

Entretanto, para que isso seja efetivado, seria preciso superar algo além de uma característica da educação universitária, posto que essa se configura, em última análise, em decorrência de um modelo de racionalidade de uma sociedade despreparada e com dificuldade para aprender a lidar com a dor, o sofrimento e a morte (Carvalho & Martins, 2015; Silva & Ayres, 2010).

Em que pese o desafio, essa verdadeira e urgente revolução parece já se encontrar em curso, haja vista, por exemplo, o crescente número de profissionais, cursos de formação e serviços voltados para cuidados paliativos. Nesse contexto, espera-se que esta pesquisa fomenta outros estudos, intervenções e as consequentes mudanças na formação de profissionais da Psicologia, quiçá de outras especialidades.

Referências

- Azeredo, N. S. G., Rocha, C. F., & Carvalho, P. R. A. (2011). O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(1), 37-43. doi: 10.1590/S0100-55022011000100006.
- Barbosa, C. G., Melchiori, L. E., & Neme, C. M. B. (2011). O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos. *Paidéia*, 21(49), 175-185. doi: 10.1590/S0103-863X2011000200005.
- Carnicheli, E. K. R. N., & Casarin, R. G. (2018). O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 9(1), 301-319. doi: 10.31072/rcf.v9i1.516.
- Carvalho, J. S., & Martins, A. M. (2015). A morte no contexto hospitalar: revisão de literatura nacional sobre a atuação do psicólogo. *Revista Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 18(2), 129-142. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v18n2/v18n2a09.pdf>
- Collett, L. J., & Lester, D. (1969). The fear of death and the fear of dying. *The Journal of Psychology*, 72, 179-181. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/303400067_The_Fear_of_Death_and_the_Fear_of_Dying
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 209-216. doi: 10.1590/S1413-294X2006000200010.
- Dantas, J. B., Borge, J. E. R., & Dutra, A. B. (2021). Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. *Revista do NUFEN*, 13(1), 41-55. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100004&lng=pt&tlng=pt
- Díaz, J. R., & Henriques, O. W. M. (2006). Vida-morte numa equipe de enfermagem: supervisão de supervisão. *Vínculo – Revista do NESME*, 3(3), não paginado. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139420856009>

- Duarte, A. C., Almeida, D. V., & Popim, R. C. (2015). A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(55), 1207-1219. doi: 10.1590/1807-57622014.1093.
- Faraj, S. P., Cúnico, S. D., Quintana, A. M., & Beck, C. L. C. (2013). Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte. *Psicologia em Revista*, 19(3), 441-461. doi: 10.5752/P.1678-9563.2013v19n3p441.
- Faria, S. S., & Figueiredo, J. S. (2017). Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar. *Psicologia Hospitalar*, 15(1), 44-66. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092017000100005&lng=pt&tlng=pt
- Freitas, A. F. S. C.; Oliveira, S. A. (2010). Os impactos emocionais sofridos pelo profissional de psicologia frente à morte em contexto hospitalar. *Akrópolis, Umarama*, 18(4), 263-273. Recuperado de: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/3297/2277>
- Hayasida, N. M., Assayag, R. H., Figueira, I., & Matos, M. G. (2014). Morte e luto: competências dos profissionais. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(2), 112-121. doi: 10.5935/1808-5687.20140017.
- Junqueira, M. H. R., & Kovács, M. J. (2008). Alunos de Psicologia e a educação para a morte. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(3), 506-519. doi: 10.1590/S1414-98932008000300006.
- Kovács, M. J. (1989). *A questão da morte e a formação do psicólogo* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo. doi: 10.11606/T.47.2018.tde-06122018-095147.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano* (coord.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497. doi: 10.1590/S1414-98932005000300012.
- Kovács, M. J. (2016). Curso Psicologia da Morte: educação para a morte em ação. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 36(91), 400-417. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v36n91/v36n91a10.pdf>
- Lester, D., & Abdel-Khalek, A. M. (2003). The Collett-Lester Fear of Death Scale: a correction. *Death Studies*, 27(1), 81-85. doi: 10.1080/07481180390136946.

- Lima, M. J. V., & Andrade, N. M. (2017). A atuação do profissional de saúde residente em contato com a morte e o morrer. *Saúde e Sociedade, 26*(4), 958-972. doi: 10.1590/s0104-12902017163041.
- Oliveira-Cardoso, E. A., & Santos, M. A. (2017). Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão, 37*(2), 500-514. doi: 10.1590/1982-3703002792015.
- Oliveira Júnior, C., Machado, D., Santos, F., Silva, J., & Domingues, E. (2018). Adaptação transcultural da Collett-Lester Fear of Death Scale à realidade brasileira. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, 10*(1), 210-216. doi: 10.9789/2175-5361.2018.v10i1.210-216.
- Ramos, V. C., & Cirino, A. A. O. G. (2020). Concepções sobre a morte e o morrer entre estudantes de Psicologia. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 11*(1), 26-48. doi: 10.5433/2236-6407.2020v11n1p26.
- Santos, G. K. N., Oliveira, L. C., Lima, P. A. L., Sousa, D. A., & Barros, L. M. (2017). Análise quantitativa do medo da morte e do morrer enfrentados por graduandos dos cursos de psicologia e enfermagem. In *Resumos do 3º Congresso Internacional de Atividade Física, Nutrição e Saúde*. Recuperado de <https://eventos.set.edu.br/index.php/CIAFIS/index>
- Silva, G. S. N., & Ayres, J. R. C. M. (2010). O encontro com a morte: à procura do mestre Quíron na formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica, 34*(4), 487-496. doi: 10.1590/S0100-55022010000400003.
- Souza, M. C. S., Sousa, J. M., Lago, D. M. S. K., Borges, M. S., Ribeiro, L. M., & Guilhem, D. B. (2017). Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área de saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem, 26*(4), e3640016. Epub 17 de novembro de 2017. doi: 10.1590/0104-07072017003640016.
- Torres, W. C., & Guedes, W. G. (1987). O psicólogo e a terminalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 39*(2), 29-38. Recuperado de: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19588/18312>
- Von Hohendorff, J., & Melo, W. V. (2009). Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 9*(2), 480-492. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a14.pdf>.